

## Entre a imagem totem do mensalão e a novela das 21h

Ana Paula da Rosa<sup>1</sup>

### Resumo

Este artigo pretende investigar como se dá o processo de circulação das imagens intermediáticas tendo como foco os afetamentos mútuos entre instituições não midiáticas e atores individuais que se valem das imagens fotojornalísticas. Parte-se do pressuposto de que muitas imagens jornalísticas são reapropriadas e reinscritas na própria midiaticização. O corpus é composto por capas das Revistas Veja e Época que abordam o escândalo do Mensalão. O que se busca responder é como se dá a criação de imagens totens pela midiaticização no referido caso? A partir desta pergunta o artigo está estruturado em três partes: as lógicas midiáticas de simbolização, indícios da construção de imagens sínteses do mensalão e inferências sobre as últimas publicações sobre o tema.

*Palavras-chave:* Imagens. Mensalão. Totemização. Fotojornalismo.

### Abstract

This article intends to investigate how the process of circulation of intermediatic images takes place, focusing on the mutual actings between non-mediatic institutions and individual actors who use photojournalistic images. It is taken here the assumption that many journalistic images are re-appropriated and re-entered on mediaticization itself. The corpus is composed by the covers of Veja and Época Magazines, addressing the “mensalão” scandal. What is intended here is to seek answers on how the creation of totem images arise from the mediaticization in this particular case? From these question, the article is structured in three parts: mediatic logics of symbolization, evidence of the construction of synthetical images of mensalão and inferences about the latest publications about this theme.

*Keywords:* Images. Mensalão. Totemization. Photojournalism.

### Introdução

As imagens cada vez mais têm cercado os homens; deste modo, pensar o momento atual onde as imagens se proliferam em dispositivos diversos, desde blogs a jornais impressos, é uma necessidade latente. Essa necessidade se manifesta de um lado na crescente escalada das imagens técnicas, para adotar o termo cunhado por Vilém Flusser, e de outro no uso replicante das imagens jornalísticas por dispositivos que não são, essencialmente, de instituições midiáticas jornalísticas. Ao observar

---

<sup>1</sup> Ana Paula da Rosa é jornalista, doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e Mestre em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Atualmente é professora e pesquisadora na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

empiricamente a cobertura do caso mensalão percebe-se que as imagens manipuladas pelos usuários da web são fotografias e vídeos inscritos em dispositivos jornalísticos, em uma primeira instância. Em um segundo momento, tais imagens são apropriadas e recolocadas em dispositivos diversos, reabastecendo, ciclicamente, a própria mídia, uma vez que este artigo adota a perspectiva da midiatização como a unificação e diferenciação dos mercados discursivos a partir de três dimensões que se afetam mutuamente: processos comunicacionais, contextos sociais e dispositivos. Entende-se, portanto, que a midiatização diz respeito às intersecções entre estes três elementos, sendo essencialmente uma questão de circulação, ora intra, ora entre dispositivos, o que demonstra uma relação de poder.

Deste modo, o que se pretende com este artigo é, a partir do conceito de midiatização, investigar como se dá o processo de circulação/circularidade das imagens intermediáticas tendo como foco as imagens do caso mensalão a partir das capas das revistas **Veja e Época**. Parte-se do pressuposto de que muitas imagens jornalísticas são reapropriadas e reinscritas na própria midiatização de modo que lógicas midiáticas são mobilizadas para transformar uma imagem em totens destes acontecimentos, ou seja, ganham um poder de permanência nos meios. O que se busca responder é como se dá a totemização pela midiatização no principal caso político-midiático dos últimos tempos? Seria o humor ácido a forma de afetamento social?

## **2. Lógicas midiáticas mobilizadas na transformação de uma imagem em símbolo do acontecimento**

Percebe-se que, cada vez mais, os fatos vêm sendo colocados em uma situação de secundários em relação aos sentidos gerados pelas coberturas jornalísticas. Ou seja, não é o fato que conta, mas como ele é constituído em acontecimento midiático. Isto é evidenciado ao adotar como ponto inicial das operações midiáticas o fato de que as instituições não-midiáticas, ou aquelas que não possuem fins jornalísticos como o campo político, por exemplo, se valem de estratégias também midiáticas para alcançar o campo das mídias, criando acontecimentos. Charaudeau (2007), Rodrigues (1993), Benetti (2011) procuram distinguir fato e acontecimento, sendo o fato aquilo que está dado, da ordem do que ocorre, e o acontecimento é algo a ser criado. Queré (2005) destaca que o acontecimento é mais que um fato, ele é criador de sentidos e, portanto, desperta experiências. Isso pode ser percebido na geração das imagens do caso mensalão, onde a forma como o acontecimento foi produzido, principalmente nas publicações impressas como revistas e jornais, é muito significativa, pois há movimentos evidenciados de resgate de imagens e de apagamentos de fotografias e até de fatos antecessores. Há uma exacerbação visual de personagens e uma invisibilidade de outros que tentam sair ilesos do escândalo.

Em 2005, quando os primeiros elementos que indicavam a existência de um caixa dois apareceram, a ênfase foi atribuída a Roberto Jefferson, Marcos Valério e Delúbio Soares, revelando um esquema de negociatas entre os partidos para firmar alianças e elencar nomes. Teria sido assim que Lula se tornou presidente pela segunda vez, mas muitos destes “conchavos” já tinham sido orquestrados em 2002. Independentemente do suposto envolvimento do presidente Lula, observa-se nos materiais empíricos uma alteração de foco jornalístico, isto é, quando do surgimento do caso em 2005 a preocupação era identificar os envolvidos e questionar a postura do governo petista. Em 2012, o julgamento dos réus pareceu perder força imagética ainda que o momento tenha sido um dos mais emblemáticos do país e pudesse ser acompanhado minuto a minuto pela *web* ou pela televisão. De um lado, o mensalão em 2012 surge na esteira do escândalo do contraventor Carlos Cachoeira e determina seu esquecimento. De outro, se transforma em brincadeira, piada e até em história em quadrinhos, como ocorreu na Folha de São Paulo. Isto tudo demonstra a importância da cobertura jornalística do caso e a própria inacessibilidade de jornalistas aos envolvidos, protegidos por advogados, o que permite a manutenção do tema em circulação a partir das imagens originadas inicialmente em 2005 e da reconstituição do “crime” midiaticamente.

Ante o exposto fica evidente que o contexto do fato altera sua transformação em acontecimento, porém, independentemente disso, interessa pensar que há lógicas midiáticas que são mobilizadas para transformar uma imagem em símbolo. Contudo, questiona-se: símbolo de quê? E para quê tal esforço? A resposta não é tão simples. A imagem de Roberto Jefferson de olho roxo após uma suposta queda sugere uma agressão por ter dito mais do que devia. Já as fotos de Delúbio na CPI parecendo alcoolizado, ou sob efeito de calmantes, tira sua credibilidade ao desviar das perguntas. Contudo, é José Dirceu que aparece como mandante de todo o esquema, cérebro e maestro da orquestração do desvio de verbas públicas e dos acordos políticos. Já Lula é apresentado como aquele que desconhecia os fatos, numa espécie de “esposa traída” pelos próprios colegas de partido. Transcorridos sete anos, entre outros escândalos e eventos marcantes como a eleição da primeira mulher presidente, o mensalão é representado em 2012 por quais imagens? As capas de Veja e Época permitem que sejam identificadas as imagens vetoras, os símbolos dos fatos que perderam tangibilidade com o passar dos anos, mas que podem ser recuperados pela sua retomada constante via exposição em dispositivos jornalísticos e de atores individuais. Cabe ressaltar, porém, que não é a repetição que torna a imagem simbólica, mas a sua capacidade de constituir-se no próprio acontecimento, deslocando a relação com o referente, capacidade esta só possível a partir das estratégias e lógicas da midiaticização e são estas lógicas que serão recuperadas aqui.

### 3. Indícios da construção de imagens-sínteses do Mensalão

O escândalo do mensalão veio à tona em 2005, mas em 2004 já havia discussões a respeito de desvio de verbas envolvendo os Correios, principalmente. Roberto Jefferson surge midiaticamente como figura de destaque neste período quando seu nome é envolvido nas transações. Um ano depois Jefferson denunciou a prática de compra de votos na Câmara. A partir deste ato, o político tornou-se figura constante nos principais periódicos brasileiros. A capa de Veja trouxe Jefferson em um super close, onde é possível perceber as sobrancelhas arqueadas, os lábios comprimidos em uma expressão de quem diz: “cuidado!”. A composição da capa abaixo, publicada em junho de 2005, associa o olhar da esquerda pra direita<sup>2</sup>, ou seja, do modo de leitura ocidental e enquadra as chamadas das matérias dentro de duas linhas imaginárias que dividem a imagem. A primeira é formada pela palavra *Veja*, em vermelho, que chama atenção para os olhos do retratado. Mais abaixo, próximo à boca, a segunda linha é formada pelo título “homem bomba” o que já denota os caminhos da reportagem. Isto é, trata-se de uma matéria jornalística que se centra no papel decisório que o senador poderia ter em relação ao PT, levando consigo outros nomes de peso. Há um tom de ameaça presente não só no discurso transcrito do senador, mas no próprio discurso de *Veja*.



Figura 1 - Veja Roberto Jefferson

<sup>2</sup> Luciano Guimarães aborda o eixo esquerda-direita como uma estratégia de composição imagética que determina a forma de compreensão uma vez que a posição de leitura estimula os hemisférios cerebrais.

Não o bastante Jefferson aparece na capa do jornal Folha de São Paulo em uma fotografia bastante simples e ao mesmo tempo repleta de significados. A imagem traz o senador com as mãos nos ouvidos, trajando uma camisa verde do mesmo tom da bandeira do Brasil. Ao fundo o elemento que destoa é um objeto de madeira redondo que está na parede, mas que do ângulo da fotografia leva a entender que se trata de uma auréola, figurativizada nas principais obras religiosas. O senador afirma textualmente que o “PT dava uma mesada”, mas ao fazê-lo neste cenário se reinveste por meio da mídia de um poder de justiceiro, daquele que se nega a compactuar. A imagem não retrata a realidade, tendo em vista que o esquema denunciado já teria iniciado em 2002. Contudo, na iminência de ser penalizado sozinho, o senador passa a ser construído nas capas dos jornais e das revistas como um homem bom que não quer se deixar corromper e que não se cala.



Figura 2- Jefferson “o sagrado”

Entretanto, a imagem do justiceiro aos poucos vai sendo apagada, de um lado porque seu discurso se esgota em si mesmo na tentativa de resguardar o então presidente Lula e, de outro, porque personagens novos ganham espaço no noticiário. José Genoíno, Delúbio, Marcos Valério, pessoas totalmente desconhecidas do grande público, mas que passam a ter visibilidade por seus envolvimento com a lavagem de dinheiro. As revistas e jornais destacam estes personagens conforme seus nomes vão sendo agregados ao mensalão, tornando a imagem de Jefferson opaca.





Figura 3 - Valério e a relação com o PT

A composição da capa da revista *Veja*, acima, é semelhante a da capa de Roberto Jefferson. A disposição topológica de elementos mostra Marcos Valério em *close* no canto esquerdo da página. No entanto, a imagem do rosto não ocupa toda a mancha gráfica e sim apenas parte do espaço. Novamente o título e a marca da revista criam linhas imaginárias que guiam a leitura. A palavra *Veja* está em azul sobreposta sobre um pedaço de papel branco onde é possível identificar as assinaturas dos envolvidos. Logo abaixo, a manchete cria uma segunda linha que abre uma coluna, preenchendo todo o espaço ao lado da figura. Sob o título “O elo se fecha”, Marcos Valério olha para o lado esquerdo e não para o direito da imagem como na fotografia apresentada anteriormente na capa de junho de 2005. Nesta, de julho do mesmo ano, Valério demonstra preocupação com a própria esquerda que, teoricamente, representava. Além disso, o jogo de cores entre vermelho e branco remete claramente às cores do Partido dos Trabalhadores.

Estes indícios de construção de símbolos dos acontecimentos envolvendo o caso mensalão vão surgindo e desaparecendo sucessivamente, opacados por novos envolvidos. Até mesmo Lula é convocado a figurar na ameaça de um *impeachment* e na comparação com Collor de Mello. Porém, José Dirceu surge como uma figura importante para o governo e para o esquema montado. Na capa de uma das edições de agosto de 2005 ele aparece com o rosto em *close*, também do lado esquerdo da capa, mas apenas metade de seu rosto é iluminado, o restante está enegrecido, remetendo à luz dos interrogatórios dos filmes policiais. Com o título “O risco Dirceu” a capa indica que é ele quem está por trás do mensalão como orquestrador. Em 2011, então, ocorre a retomada de José Dirceu quando este passa a figurar no governo Dilma, a capa da publicação traz o ex-ministro novamente em *close*, com um sorriso nos lábios

sob o título “o poderoso chefeão”. Neste caso, fica evidente o jogo de poder entre os campos, o jornalístico e o político em um cabo de guerra permeado, certamente, por interesses de ambas as partes.



Figura 4 - A construção da figura de Dirceu



Figura 5 - O rosto de quem manda no poder

Assim, a imagem vetora de cada um dos personagens vai sendo construída ao longo dos anos em movimentos cíclicos. José Dirceu, porém, aparece sempre como o poderoso, o que justifica a valorização dada à sua figura em 2012, durante o julgamento dos réus do mensalão. A Revista Época, diferentemente de Veja, opta por construir uma capa que utiliza o principal elemento do PT: a estrela branca sob o fundo vermelho. Porém, vaza o fundo da estrela e o substitui por uma colagem de fotos dos envolvidos, de Roberto Jefferson a José Dirceu, sendo o primeiro o mais destacado em termos de proporção e espaço. Há ainda uma aplicação de textura que denota a ideia de uma parede que racha, numa metáfora visual como diria Moillaud, do rompimento no e do próprio partido.

A Veja, em contrapartida, centra o olhar em José Dirceu colocado simplesmente como réu. A foto mostra um homem menos altivo, de ombros caídos, do mesmo modo que os lábios pendem para baixo numa expressão de abatimento ou de peso. A luz de cima geralmente é empregada em fotografia e no cinema para passar a ideia de uma luz divina, tal conceito se aplica ao colocar Dirceu no banco dos réus e transformar o julgamento em palco da Justiça dos homens e porque não da Divina também?



Figura 6 - Comparativo entre as capas Veja e Época

Estes indícios da construção das imagens na e pela mídia, identificados aqui, revelam que há lógicas midiáticas que ultrapassam a simples narratividade dos fatos. Há um jogo de aparecimento, apagamento e reaparecimento constante, tais reaparecimentos dos personagens se justificam pelo próprio julgamento em si, mas quantas imagens dos personagens estão disponíveis e quantas estão circulando no espaço midiático jornalístico? Isto implica que a distribuição de materiais significantes pelas revistas, jornais e redes de TV não determina a circulação, uma vez que esta, na concepção de Ferreira (2008, 2010, 2011) e Rosa (2012) se configura como um espaço de trocas entre produção e consumo, um espaço de interações e afetamentos mútuos.

Dito de outro modo, não basta que as fotos estejam disponíveis na web ou nos próprios bancos digitais de imagens, é preciso que elas tenham direito de reinscrição midiática, sendo que tal direito só é concedido para aquelas figuras que podem perdurar para além dos fatos, neste caso, adotadas como totêmicas, ou seja, como imagens que são estruturadas por antecedentes e que são estruturantes das futuras, numa recuperação dos conceitos de Pierre Bourdieu (2011). Estas imagens são totens porque elas restringem a existência de outras imagens, ainda que elas de fato estejam disponíveis, e do mesmo modo restringem a interpretação dos próprios acontecimentos a que se referem, pois as imagens os substituem. É o que Vilém Flusser chama de escalada da abstração.

#### 4. Apagamentos, eleições imagéticas e replicações

As imagens que caracterizam o mensalão e narram o ocorrido desde 2005 seguem a lógica indispensável para a existência/criação de imagens totens pela midiaticização. Num primeiro momento como observado nas capas acima, as fotografias são utilizadas apenas com a intenção de “ilustrar” os fatos, trazendo “à baila” os



personagens do enredo. Contudo, as imagens selecionadas são mostradas em excesso num primeiro momento, como ocorreu com Roberto Jefferson, e depois desaparecem do cenário midiático, num processo de apagamento já mencionado por Rosa (2012). Tal apagamento se dá pela eleição coletiva de algumas imagens que permanecem circulando, seja em espaços de discussão política como blogs, sites e vídeos ou mesmo em sátiras e charges que não precisam ser, necessariamente, de cunho jornalístico, mas que se baseiam em sua lógica. Uma estratégia para tornar isso possível, a fixação de determinadas imagens, foi atrelar a toda e qualquer imagem o uso da cor vermelha e branca, claro elemento constituinte e figurativo do Partido dos Trabalhadores. Destacase ainda que Roberto Jefferson teve sua condenação midiaticamente “abrandada” numa espécie de “delação premiada”, isto é, o fato de ter exposto as mazelas e tramas de lavagem de dinheiro o tornaram, aparentemente, menos envolvido, menos corrupto.

Em contrapartida, José Dirceu, mais do que Marcos Valério, tornou-se a figura símbolo do mensalão, o homem que pretendia garantir a continuidade do projeto de poder do PT. E o partido, estranhamente, assim como observa Larangeira (2012) optou pelo silêncio, mesmo em meios de comunicação em que poderia demonstrar sua leitura intelectualizada e verticalizada da situação. O apagamento dos fatos foi a escolha, talvez com a justificativa de que outros fatos poderiam abafar e apagar o mensalão, já que a imagem de Lula em si não chegou a ser abalada.

Transcorridos diversos anos entre novas denúncias e escândalos no congresso e no próprio executivo Federal que resultaram na demissão de uma dezena de ministros, o caso mensalão vem à tona novamente, retomado imagetivamente, para dar conta do que foi chamado de “o maior julgamento do século”. Para isso foram necessários mecanismos de reavivamento de imagens, os quais se deram a partir da “reconstituição” do crime por meio de infográficos e diversas fotos dos envolvidos. A revista Veja, por exemplo, não se contentando apenas com o espaço impresso semanal criou um portal específico, dentro de seu site, para acompanhar minuto a minuto os detalhes do julgamento.

O julgamento do mensalão, o caso mais importante da história do STF desde a redemocratização, já tem data para começar: 2 de agosto. Série de infográficos recapitula as questões centrais do escândalo, os crimes atribuídos aos mensaleiros, as evidências apontadas pela Procuradoria-Geral da República, a defesa dos réus e o trâmite do processo na mais alta corte do país

ÚLTIMAS NOTÍCIAS 13:08 - 19:39 Críticas a ausência de Lula como réu marcam oitavo dia de julgamento do mensalão

## 4 ATOS DA QUADRILHA

Entenda o papel de cada integrante do esquema do mensalão

SAIBA MAIS

**NÚCLEO POLÍTICO**  
Sob o comando de Dirceu, fazia os acordos com parlamentares em troca de apoio aos projetos do governo

**PROPINA**

**VOTO**

JOSE GENOINO

JOSE DIRCEU  
COMANDANTE DO ESQUEMA

DELÓBIO SOARES

SILVÍO PEREIRA

Jogo: que mensaleiro é esse? Entrevistas

Teste os seus conhecimentos em um duelo contra o

*'Não admito ouvir que o mensalão não existiu'*  
Osmar Serraglio, deputado federal

Multimídia

Vídeos e fotos: relembra cenas marcantes do maior escândalo da história do país

Figura 7 - Site de Veja no acompanhamento do julgamento

Neste espaço, como evidenciado acima, os supostos integrantes do mensalão são apresentados, porém é José Dirceu que aparece centralizado, como o comandante do esquema. A partir de então sua imagem torna-se sinônimo de mensalão, por ter sido eleita midiaticamente como, não apenas pela Veja, mas por outras publicações e espaços não jornalísticos em *blogs* e *vlogs*. Os veículos internacionais como *Le Monde* e *The Guardian* relacionaram o início do julgamento não apenas a Dirceu, mas a Lula e Dirceu.



Figura 8 - The Guardian e a perspectiva da corrupção



Figura 9 - Ligação entre Lula e Dirceu

Desta maneira pode-se dizer que a imagem vetora, eleita midiaticamente do mensalão é a figura de Dirceu e esta imagem é totemizada. Isso ocorre quando as revistas e jornais, principalmente a Veja, replicam a imagem de Dirceu em toda a e qualquer notícia sobre o julgamento atribuindo ênfase sobre ele. No entanto, a ausência de sua imagem e a convocação de um imaginário anterior traz ainda mais à tona o processo de totemização, uma vez que este demanda, conforme destaca Rosa (2012), etapas sucessivas que explicam as lógicas empregadas para fazer com que uma imagem dure para além do tempo dos próprios fatos. Estas lógicas podem ser desmembradas em seis etapas: **APARECIMENTO/OFERTA-APAGAMENTO/DESAPARECIMENTO – REAPARECIMENTO – REPLICAÇÃO – RESTRIÇÃO - TOTEMIZAÇÃO.**

*O aparecimento é, por um lado, fruto do acesso ao campo das mídias e, de outro, do trabalho feito nos dispositivos jornalísticos para sua exibição. Isto é, os fatos aparecem, bem como as imagens, mas ao ingressar no campo das mídias passam a pertencer a este espaço e, portanto, sofrem as lógicas dos meios, principalmente no que diz respeito aos mecanismos de eleição/seleção por critérios de noticiabilidade. No que diz respeito ao apagamento, transcorrida a fase de eleição das imagens sínteses dos fatos ou de sua transformação em acontecimento midiático, as imagens são inscritas em dispositivos diversos afetando as demais*

*esferas do sistema comunicacional. Contudo, esses afetamentos implicam em inscrições por parte de atores individuais e de instituições não midiáticas que acabam por contribuir, via interação, para a instância do apagamento. Isto é, uma imagem replicada diversas vezes, em diversos dispositivos e que retorna ciclicamente aos dispositivos jornalísticos, tende a ser uma imagem que resiste ao apagamento, ela sofre uma espécie de “blindagem” pela circulação. No entanto, as demais imagens ofertadas permanecem existindo, mas são opacadas. Assim as imagens integram um jogo de acessibilidade x inacessibilidade, de aparecimento x apagamento, de visibilidade x desaparecimento, de acesso x excesso, movimentos estes que se intercalam. (ROSA: 2012, p. 288-289)*

Mas, para além destas binariedades referidas, a terceira operação midiática é a de reaparecimento, quando as imagens e seus discursos recebem o direito de se constituírem nas únicas a serem vistas, gerando sentidos que não estão dados e que são “acrescidos” a partir do descolamento<sup>3</sup>/deslocamento da imagem do fato inicial e da sua circulação como vetora. Isto significa dizer que o reaparecimento implica na construção ou na restrição de algo. Assim, há dois aspectos a serem observados aqui. O primeiro diz respeito ao reaparecimento da imagem vetora, o que implica numa continuidade de inscrições. O segundo aspecto tange ao reaparecimento de imagens que estavam opacadas, mas que em virtude de novos movimentos midiáticos precisam ser reinscritas ou recuperadas, caso de Roberto Jefferson de olho roxo. Deste modo, o reaparecimento como categoria é uma terceira etapa, a qual está diretamente articulada com a próxima.

Dentre as lógicas midiáticas empregadas para atribuir força simbólica a uma imagem está o potencial de replicação. Entretanto não basta somente a repetição. Para além das imagens em “eco”, a criação do totem passa, necessariamente, por uma espécie de restrição, a penúltima categoria aqui desenvolvida. A restrição no caso mensalão é um resultado da replicação, pois quando uma imagem é inscrita demasiadamente na circulação, a referência deixa de ser o acontecimento e passa a ser a própria imagem midiaticizada anteriormente, constituindo-se no fenômeno de autorreferencialidade midiática. Significa, deste modo, que uma imagem é alçada à categoria de totem de um acontecimento quando por sua replicação, em dispositivos jornalísticos e, principalmente, de atores individuais, acaba por restringir o acesso de outras imagens existentes ao espaço midiático<sup>4</sup>, resultando, como consequência, na restrição da interpretação e da existência de outras imagens.

## **5. O vazio da imagem preenchido pela lembrança do totem**

Considera-se que uma imagem só se torna símbolo de um acontecimento por meio da convenção, sendo que a convenção se dá via dispositivos, por meio da

---

<sup>3</sup> O termo descolamento é adotado aqui no sentido metafórico do decalque, isto é, não significa que a imagem se desprenda por completo, mas que ocorrem transformações nas relações entre as imagens significantes e a realidade referida. Então, há um descolamento e ao mesmo tempo um deslocamento.

circulação intermediária, ou seja, das circulações entre os vários dispositivos midiáticos jornalísticos ou não. Mesmo uma brincadeira ou uma piada postada com o rosto de José Dirceu contribui para que este seja o rosto do mensalão. Isto implica não num contrato social prévio, mas em uma construção conjunta, que leva em conta valores sócio antropológicos já integrantes da cultura e arraigados nesta. A regularidade de mostrar no espaço e no tempo a imagem do líder petista como mentor do caixa dois, ou da compra de votos de políticos no congresso, leva a determinar que esta seja a imagem a ser vista, mesmo que outros personagens como o próprio publicitário Duda Mendonça ou José Genoíno pudessem ter recebido igual destaque. Desta forma torna-se difícil rememorar o nome de todos os envolvidos no julgamento, mas é fácil identificar os seus principais acusados. A Veja deixou claro que apenas um estaria sentado no banco dos réus, levando consigo todo o partido. Ao colocar logo a frente de José Dirceu a palavra “réu” em vermelho, é Dirceu que está sendo julgado, mas é o Partido dos Trabalhadores que vai estar sentado diante dos juízes do Supremo.

Porém, a orquestração midiática não cessa com a definição dos condenados, o julgamento pode ter sido realizado imagetivamente antes mesmo de o júri começar e de qualquer relato, trata-se do vazio do mensalão na capa de Veja edição da primeira semana de agosto de 2012. No lugar de um título bombástico e de uma foto ou montagem que remetesse à discussão, como feito nas edições seguintes, a revista traz o tema novela das 21h, onde a vingança de Nina contra Carminha confunde o espectador e volatiza os conceitos de bem e mal.



Figura 10 - Capa no dia do início do julgamento do mensalão

<sup>3</sup> O termo espaço midiático é adotado aqui não apenas para definir o espaço dos dispositivos jornalísticos, mas também o espaço de produção de materiais significantes de atores individuais e instituições que não possuem o jornalismo como seu fazer.

Nesta composição identifica-se do lado esquerdo, portanto nos representando, a mocinha da história, a jovem Nina. Ela tem um lado do rosto sombrio, enegrecido. Já Carminha, a vilã, também se mostra dividida entre o ser boa e o ser má, como duas partes do mesmo ser, fragmentos humanos que justificam o desejo de vingança. O título está sobreposto em vermelho nas imagens. Tecnicamente ao ver tal composição da capa, há uma aparente secundidade atribuída ao mensalão que figura apenas como chamada na linha superior “Mensalão - o espetáculo da Justiça no STF”. Contudo, a imagem de Nina revolve o imaginário coletivo, o repertório de imagens já vistas e interiorizadas como afirma Durand (2001) ou suscitadas por “estruturas internas do social” como destaca Cassirer (2004). Trata-se da mesma composição de Dirceu em 2005, só que completada pelo outro lado da moeda.

Ao retirar Carminha da capa, percebe-se a construção “gêmea”. O rosto iluminado, a logomarca Veja em destaque sobre a cabeça dos personagens, as letras em vermelho e branco do *lead*. As diferenças, que também são um sintoma, mostram a luz fria no rosto da atriz Débora Falabella, uma luz tétrica, teatral. Já na vida real, a luz amarelada direcionada, como um ponto de luz típico dos depoimentos judiciais focaliza o rosto de Dirceu. Ambos olham para o leitor, diretamente. O olhar da atriz é quase petrificado, o de Dirceu sugere uma docilidade. Diante disso, seria possível supor que a capa constrói, na ausência do mensalão, o preenchimento de sentido com a retomada imaginária da capa de José Dirceu? Nina é a mocinha da novela, Dirceu é o vilão, mas que se traveste de bom moço, assim como a personagem também se revela má em diversos momentos. O quase sorriso de Dirceu e sua docilidade enganam o povo, a fragilidade transformada em força de Nina revelam que ninguém é 100% bom ou mal. É a ligação imagética do totem do mensalão com a força da novela das 21h, recuperando os estereótipos e rompendo com alguns deles, que coloca em questão a vingança de Avenida Brasil e do próprio Brasil.

Mas será que os juízes perceberão Nina e Dirceu como a mesma parte da moeda ou que os fins justificam os meios, seja na teledramaturgia, onde vale ir às últimas consequências por uma vingança que geraria uma suposta justiça, seja na política, onde comprar votos, fazer conchavos assegura resultados nas urnas e o controle de um país? Talvez os juízes possam não perceber, talvez a estratégia de Veja de calar-se tenha sido uma forma de mostrar que nunca antes ficar em silêncio foi dizer tanto. A polêmica gerada em sites, redes sociais e no espaço do leitor pela ausência do tema colocaram o mensalão em destaque total, mesmo diante de sua falta. A vingança de Avenida de Brasil se traduziu pela vingança da própria publicação que, historicamente, vem fazendo uma “caça” às bruxas no que diz respeito ao PT. O espetáculo da justiça mencionado sobre o mensalão é a vingança em letras garrafais. Se as imagens totêmicas do mensalão revelam um jogo de poder simbólico e político, qual a seria a posição da população brasileira que assiste confortavelmente instalada no



sofá de casa as tramas do congresso como se fossem novelas das 21h? Provavelmente para muitos mais do mesmo, o espetáculo do mensalão e o fenômeno da novela das 21h se equivalem; mudam os personagens, os papéis na arena, mas o impacto na vida cotidiana parece ser muito pequeno. No entanto, sabe-se que quanto à política não é, mas a relação com a política é cada vez mais desvalorizada e o jogo de imagens só contribui para reforçar isso, repetindo padrões já estabelecidos de modo que há uma naturalização do já visto que leva a um comportamento acrítico ou a um descrédito coletivo, pelo próprio jogo de interesses que está em pauta. Há silenciamentos de um lado, mas há explorações visuais que falam muito ao repertório iconográfico, a questão está em perceber isso.



Figura 11- comparativo entre composições

## 6. Considerações finais

Pensar o mensalão como o maior julgamento da história é esquecer de outros julgamentos tão emblemáticos quanto e que tiveram o auge da midiatização como de Isabella Nardoni. Ainda que tratem de crimes totalmente diferentes há um silêncio que impera nas publicações tidas como da intelectualidade ligada ao PT. Larangeira (2012) destaca que este silêncio deixa implícita uma aceitação da frase de Shakespeare de que “somos todos pecadores” (SHAKESPEARE apud LARANGEIRA, 2012, p 139), isto é, calar mediante tamanho escândalo que antes viria à tona como bandeira e discurso, agora resulta em um “emudecimento mnésico”. Se mesmo as publicações internas do PT não abrem o jogo sobre o caso mensalão, preferindo a coluna do meio, a Revista Veja, que vem explicitando seu posicionamento historicamente, de modo inclusive pouco baseado no contraponto jornalístico, recorre ao mesmo recurso, cala-se diante do início do mensalão ao contrário de *Época* e *Carta Capital*. Contudo, ao

calar-se deixa o silêncio e a memória visiva do leitor ouvir o não dito, estaria começando a vingança no Brasil, o destino do final feliz para sempre cabe ao povo brasileiro e a própria mídia acompanhar.

Quanto às imagens, estas são escolhidas por instituições midiáticas, replicadas em dispositivos diversos jornalísticos ou não, restringindo, num primeiro momento, o possível, ou seja, o acontecimento se refere somente àquelas imagens já apresentadas (autorreferencialidade), e, segundo, restringindo a interpretação e a experiência, afinal não há nada mais para ser visto, analisado, pensado. Deste modo, a restrição da interpretação está ligada às imagens totens, ou seja, imagens que se tornam mais do que simples metáforas visuais, mas que sobrevivem para além do tempo dos acontecimentos e se constituem em não-coisas na perspectiva de Flusser (2007), mas que não são esvaziadas de sentido, elas são, ao contrário, reificadas, investidas de uma força quase mágica .

## Referências

BAITELLO JUNIOR, Norval. *O animal que parou os relógios: ensaios sobre comunicação, cultura e mídia*. São Paulo: Annablume, 1999, reimpressão 2003.

\_\_\_\_\_. *Comunicação, mídia e cultura*. Perspectiva. São Paulo: Fundação Seade, outubro/1998.

\_\_\_\_\_. *A era da iconofagia: ensaios de comunicação e Cultura*. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

CASSIRER, Ernst. *A filosofia das formas simbólicas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004

DURAND, Gilbert. *Estruturas antropológicas do imaginário: introdução e arquetipologia*. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FERREIRA, Jairo. *Epistemologia e novo habitus (o caso como conhecimento social e individual)*. Ícone (Recife), v. 11, p. 1-12, 2009.

\_\_\_\_\_. *Questões e linbagens na construção do campo epistemológico da comunicação*. In: FERREIRA, Jairo (org) *Cenários, teorias e epistemologias da comunicação*. Rio de Janeiro: E- papers, 2007.

\_\_\_\_\_. *Analogias, comparações e inferências sobre o método como lugar de identidade*. IN: Anais do XVII Compós. São Paulo: 2008.

\_\_\_\_\_. *Midiatização: dispositivos, processos sociais e de comunicação*. Paper: PPGCOM São Leopoldo, 2008.

FLUSSER, Vilém. *O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação*. Organizado por Rafael Cardoso. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

\_\_\_\_\_. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

KAMPER, Dietmar. *Imagem*. In: *Cosmo, Corpo, Cultura: Enciclopédia Antropológica. A cura de Christoph Wulf*. Milano, Itália: Ed. Mondadori, 2002.

LARANJEIRA, Alvaro. *Da virtude da fala ao silêncio: estratégias comunicacionais do PT no caso mensalão*. Curitiba: UTP, 2012.

QUÉRÉ, L. *Entre o facto e o sentido: a dualidade do acontecimento*. Trajectos, Lisboa, n. 6, p.59-75, 2005.